

A HISTÓRIA DE MALINALLI REVISITADA NA OBRA *MALINCHE*, DE LAURA ESQUIVEL

Fernanda Aparecida Ribeiro¹

Fabiane Cristiane Freitas²

RESUMO: Considerando a relação história e ficção como forma de resgate da cultura e identidade americanas, o presente texto propõe analisar a obra *Malinche* (2005), da escritora mexicana Laura Esquivel, com o objetivo de repensar a história da Conquista do México, através do romance histórico que propõe a releitura do passado pela voz do vencido. Esta releitura permite interpretar a história sob uma nova perspectiva, mais precisamente, sob o olhar das minorias que foram silenciadas e renegadas pela historiografia, como apontam Cunha (2004), Rodríguez (1991), Aínsa (1991), Menton (1993) e Esteves (2010). Além disso, no âmbito deste novo paradigma sobre a escrita de romance histórico, renasce o papel das escritoras latino-americanas, que encontram no poder da palavra, a possibilidade de desconstruir o discurso patriarcal, destacando o autodescobrimento da mulher tanto na escrita quanto na representatividade de personagens femininas, que tornam o ser sujeito do seu próprio destino para conseguirem, com isso, lograr a sua satisfação e liberdade de expressão. Sendo assim, a personagem Malinche, narrativa de Esquivel, mostra sua participação na conquista mexicana, não como uma traidora, mas como uma mulher que buscou em seu próprio discurso uma maneira de se salvar das opressões impostas pelos índios e pelos colonizadores.

Palavras-chave: Literatura latino-americana; Laura Esquivel; Malinche.

Malinalli's history revisited in *Malinche*, by Laura Esquivel

ABSTRACT: Considering the history and fiction relation as a manner of redeeming the American culture and identity, this text proposes to analyze the literary composition *Malinche* (2005) by Laura Esquivel, with the objective of rethinking the Conquest of Mexico history through the historical novel, that proposes the rereading of the past by the voice of the conquered people. This rereading permits to interpret the history under a new perspective, more precisely, under the look of the minority that was becoming silent and rejected by the official historiography, as point out Cunha (2004), Rodríguez (1991), Aínsa (1991), Menton (1993) and Esteves (2010). Besides, in the field of this new paradigm about the writing of historical novel, it revives the role of Latin American writers who find in the

¹ Doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Docente do quadro permanente da Universidade Federal de Alfenas, Brasil. fer_congressos@hotmail.com

² Bacharel em Letras- Português- Espanhol. Universidade Federal de Alfenas, MG, Brasil. fabianecfreitas@hotmail.com

power of the word, the possibility of deconstructing the patriarchal discourse, detaching the woman auto-discovering as in writing as in the representativity of feminine characters, who become the being owner of their own destiny, to obtain, with this, to achieve their satisfaction and liberty of expression. Consequently, Malinche character, in Esquivel's narrative, shows her participation in the Mexican conquest, not as a traitor, but as a woman who searched in her own discourse a manner of saving herself from imposed oppression by the natives and the colonizers.

Key-words: Latin American Literature; Laura Esquivel; Malinche.

INTRODUÇÃO

Os estudos literários abrangem uma enorme complexidade de conceitos e teorias que geram em seu âmbito algumas questões bastante significativas em torno da própria definição de literatura. Tal definição se dá pelo modo como interpretamos o discurso literário, isto é, como atribuímos um determinado texto como literário ou não e o classificamos como um determinado gênero literário (romance, novela, conto, poesia, tragédia, etc).

Esta tarefa não é fácil, visto que ao analisarmos os textos nos deparamos frente a outro questionamento que diz respeito à representação da realidade, seja através dos elementos ficcionais (narrativa, personagens, narrador), mais especificamente, a realidade no plano imaginário, ou até mesmo na busca por uma representação do real que tente resgatar esta forma representativa do mundo através da própria história da sociedade.

Com isso, destacamos aqui as relações intrínsecas e dialógicas entre literatura e história que se fazem presente na linguagem discursiva em vários textos ficcionais, principalmente no subgênero narrativo romance histórico, no qual, como nos afirma Trouche (2006, p. 41) ficção e história constituem sistemas de significação pelos quais damos sentido ao passado. É a partir de tais discursos que o homem reconstrói seu futuro.

Sendo assim, esse trabalho se volta para a relação da ficção e história na literatura latino-americana a partir da década de 70 do século XX, quando, segundo Trouche (2006), tal literatura passa por uma remodelagem na escrita literária, apresentando relativas mudanças e novas tendências sobre a maneira de representar o passado histórico, que, por sua vez, nos possibilitam uma nova visão, desconstruindo a visão oficial da historiografia e produzindo novas leituras. Segundo o autor, a ficção histórica na América se volta em um processo de resgatar a imagem da identidade americana.

O romance histórico surge com os romances do escocês Walter Scott, no início do século XIX. Este gênero tem por características apresentar em um primeiro momento a

história como telão de fundo e os personagens históricos geralmente são personagens secundários, descritos conforme a história os apresenta. Contudo, no século XX, os escritores latino-americanos problematizam a história, trazendo-a como elemento principal de suas narrativas e questionando e impossibilitando a versão legitimada pela história.

Considerando estes aspectos, a obra *Malinche* (2005), da mexicana Laura Esquivel, abrange este novo caráter da literatura latino-americana na problematização do passado histórico por meio da literatura. Além de oferecer uma nova interpretação do caráter histórico que traz consigo, a narrativa nos permite refletir a escrita feminina de Esquivel, que enfoca o papel da mulher na história da América, mais especificamente da personagem Malinalli, na Conquista do México, como a voz do povo vencido, do ser silenciado em uma busca de rememorar o passado e influir sobre este, acrescentando-lhe uma nova forma de pensar, utilizando a arte literária.

Para tanto, faz-se necessário focar os estudos feministas, especialmente o que se volta para a representatividade da mulher na literatura, tendo como base a crítica anglo-americana, especialmente os estudos de Elaine Showalter, que analisa e classifica a representação feminina nos textos literários.

Assim, embasados nos estudos sobre romance histórico e literatura feminina, propomos uma análise crítico-literária do romance *Malinche*, de Laura Esquivel, para averiguar como a autora parte da história para problematizar a versão legitimada pela historiografia, proporcionando ao leitor outras leituras desse passado histórico, quitando da figura feminina a imagem negativa que carregou ao longo de séculos.

UM POUCO DE HISTÓRIA...

Denominada pelos espanhóis como Doña Marina (nome adquirido ao ser batizada e submetida ao cristianismo), Malinche (como era conhecida pelo seu povo) se tornou não só a escrava de Hernán Cortés, mas também sua intérprete e amante, ajudando-o na conquista do território indígena. Malinche aprendeu o idioma espanhol ensinado pelo religioso Jerônimo Aguilar, que também era tradutor de Cortés.

Abandonada pela mãe, desde criança trabalhou como escrava servindo aos seus senhores, porém a indígena teve sua vida transformada ao conhecer o conquistador espanhol, que a escolheu entre as vinte escravas presenteadas pelos indígenas, tornando-se, assim, uma figura importante para a história não somente por ter ajudado na conquista do território do

imperador asteca Moctezuma, mas, principalmente, por ter sido a primeira mulher a mesclar a cultura indígena com a cultura espanhola ao ter um filho de Cortés: o mestiço Martín (FUENTES, 1992).

Entretanto, para os povos mexicanos o nome da indígena ainda é sinônimo de traição, palavra e maldição.

Renegada pelo seu povo, a vida de Malinche passou a ser estudada perante várias visões tanto históricas quanto mitológicas (como as lendas *õLa lloronaö* e *õLa chingadaö*) que dão maior destaque para esta figura marcada como infiel pelo seu povo.

Além disso, a visão historiográfica de Malinche como traidora faz-nos pensar sobre o problema de identidade social, a qual diz respeito às questões ligadas às origens de um determinado povo, ou seja, os problemas demarcados por pensamentos políticos e ideológicos de uma nação, assim:

Parece excesivo querer poner todo el peso y responsabilidad de la conquista del México en una sólo ,mujer. Por otra parte, tiene sus ventajas. Desde el punto de vista nacional-indigenista , es mucho más fácil echar la culpa de una derrota en la persona de una mujer que en la de todo un pueblo (í) (MAURA, 2003, p. 2)

Como argumenta Juan Maura, este embate ocorre porque a mulher não tinha voz na sociedade, o direito da fala/discurso pertencia ao homem, que era considerado o ser superior, enquanto que a mulher, o ser inferior. A mulher tinha que se submeter ao homem e se encarregava das atividades domésticas, ou seja, a mulher era submissa ao homem, vivendo sob suas ordens e proteção.

Devido a estas considerações, pode-se dizer que Malinche, apesar de ser uma indígena com conhecimentos e cultura, teve sua imagem e seu poder destruídos pelo caráter patriarcal atribuído pela sociedade, que a qualificaram como traidora.

O ROMANCE HISTÓRICO

Em sua narrativa, Esquivel dispõe os textos teóricos que comprovam os fatos ocorridos, pois se observa, no final da obra, o material bibliográfico utilizado pela autora (como as cartas de Cortés sobre a conquista) para descrever a narrativa fictícia. Como assinala (PERKOWSKA, 2008, p. 37):

el proceso cognoscitivo desencadenado por una novela histórica debe incluir una reflexión acerca del acceso del novelista al contexto referencial que se recupera sólo a través de otros textos y discursos (las fuentes directas, documentos secundarios, relatos

históricos) es decir , mediante el acto de lectura en el que también inciden tanto las contradicciones y aporías del sujeto como los patrones ideológicos y culturales colectivos del presente (í)

Essa característica do escritor de se apoiar em materiais, documentos e assuntos sobre o tema histórico que irá desencadear em sua obra, torna-se imprescindível para a composição do gênero denominado romance histórico contemporâneo, que tem por objetivo não desvalorizar ou cancelar a história, mas questioná-la e reinterpretá-la, possibilitando novas visões, novas possibilidades.

Assim, na obra de Esquivel, a visão da personagem é edificada para reivindicar a voz feminina, assim como para salientar uma ãnova leituraã a qual nos permite repensar õserã que Malinche realmente foi traidoraõ?

Pode-se, então, pensar que:

los novelistas dibujan un nuevo mapa para el concepto de la historia y su discurso. Vista desde esta perspectiva, la novela histórica latinoamericana no cancela la historia sino que redefine el espacio declarado como ãhistóricoã por la tradición, la convención y el poder, postulando y configurando en su lugar las historias que tratan de imaginar otros tiempos, otras posibilidades, otras historias y discursos (í) (PERKOWSKA, 2008, p. 42)

Esses apontamentos acima explorados por Perkowska sobre a composição do romance histórico nos revelam as direções tomadas pelos escritores na elaboração do processo do ãreinventarõ, como caráter fundamental no manejo da linguagem literária.

Sobressaindo-se no âmbito literário da narrativa como romance histórico, o prestígio das escritoras femininas que utilizam métodos específicos para elaboração da obra.

Otro gran valor aportado por la narrativa histórica de las escritoras proviene no sólo del número de obras, del eficaz manejo y empleo de técnicas literarias, de la diversidad de enfoques, o de la dedicación a las figuras femeninas, sino también de la voluntad actualmente observada de recrear las emociones sentidas ante un hecho histórico particular, en ese imaginar los sentimientos, lo imperecedero de la condición humana, que permite vivificar el pasado, convertido literariamente en presente. (CUNHA, 2004, p. 23)

Ou seja, é reivindicado o poder de rememorar o passado e influir sobre este, acrescentando-lhe uma nova forma de pensar, utilizando a arte literária.

A literatura hispano-americana é marcada, nos dias atuais, pelo interesse pela história, pelo objetivo da busca de identidade de um povo que procura suas origens.

História e literatura sempre estiveram juntas desde os primórdios, mas após a ascensão da História como ciência, por volta do século XVIII, uma parte da literatura modificou a sua maneira de tratar a história, surgindo o que hoje se conhece como ãromance históricoã.

O romance histórico teve seu início no século XIX com os romances do escocês Walter Scott. Nessa época, os países da América passavam por sua independência. Assim, o romance histórico, que também esteve presente na literatura desses países, tornava-se uma tentativa de formação de uma nação. Já no século XX, tal gênero ganha modificações, especialmente na literatura latino-americana, e os críticos literários vão nomeá-lo o novo romance histórico (Aínsa, 1991; Menton, 1993), ou por outras nomenclaturas. Nesse trabalho, preferimos apenas nomeá-lo de romance histórico contemporâneo.

Enquanto no século XIX, os romances históricos utilizavam o fato histórico apenas como o telão de fundo, alternando com episódios e personagens fictícios que poderiam ter existido, e subjugavam as personagens históricas em segundo plano (ALEXIS, 1991), na América Latina, em meados do século XX, a história passa a ser a protagonista dos romances. Na nova narrativa, as personagens históricas são protagonistas e elucidadas sob novos pontos de vista, adquirindo novas personalidades.

Em sua nova concepção, o novo romance histórico emprega alguns artifícios em sua produção, como ironia, a paródia, a sobreposição de tempos históricos, e aumenta a cumplicidade entre obra e leitor o como apontam Fernando Aínsa (1991) e Seymour Menton (1993):

Lo que parece evidente, en todo caso, es que esta amplísima libertad que se ha dado el novelista contemporáneo para manejar los hechos históricos como materia de sus narraciones, tienen mucho que ver con el derecho que el mismo novelista también ha reivindicado para sí, de reinterpretar los hechos históricos ó sucesos y personajes ó con total independencia de las interpretaciones de los historiadores, en especial de los llamados historiadores oficiales (ALEXIS, 1991, p. 47).

A CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA

Os estudos sobre a mulher se fizeram vigorar na década de 1960 com o desenvolvimento do pensamento feminista e a luta pela liberdade e igualdade de direitos. As mulheres buscaram romper com os paradigmas impostos pela sociedade os quais subjugavam a mulher como ser inferior ao homem, oprimido e submisso à figura patriarcal (pai e marido).

Com o predomínio desse pensamento e de atitudes independentes, houve a necessidade de a mulher fazer valer os seus direitos, que acabaram impulsionando-a a reivindicar seu lugar na literatura, ampliando as possibilidades de estudos em outras áreas como a Sociologia e a Psicanálise e, principalmente, fazendo emergir a crítica literária feminista.

A crítica literária feminista surge com a publicação de *Sexual Politics*, da estadunidense Kate Millet, em 1970. Tal publicação, baseada na política regida pelo conceito do patriarcalismo e que, como este, influenciava a condição da mulher na sociedade, embasa a discussão acerca da descrição das personagens femininas nos romances de autoria masculina, bem como reformula o pensamento de críticas e escritoras.

Este conceito de patriarcado discutido por Millet, no qual as mulheres se diferenciam dos homens na sociedade por pertencerem a um rígido sistema de papéis sexuais, conduziu as mulheres a não participarem como seres agentes da própria história e, sim, como seres silenciados e subordinados aos deveres que lhes eram impostos, uma vez que a sociedade sempre valorizou a visão e a voz masculina como o paradigma universal.

Sendo assim, percebe-se que os estudos e movimentos liderados pelas feministas possibilitaram considerar a diferença de gênero como principal fator para marcar a conduta social. No entanto, partindo-se dos pressupostos de que tal conduta é demarcada por fatores histórico-sociais, é de grande relevância considerarmos os estudos sobre a literatura feminina tão respeitada e admirada quanto a do homem, admitindo as diferenças existentes entre eles, mas classificando-os de maneira igualitária.

Com isso, a crítica literária feminista toma os estudos da mulher sob diferentes enfoques ó biológicos, linguísticos, psicanalíticos e políticos-culturais (Zolin, 2005) ó os quais se tenta elucidar, avaliar, e responder às perguntas ligadas à questão de gênero como distinção principal na produção da linguagem literária.

Ou seja, os estudos passam a se remeter à representatividade de personagens femininas por meio de autorias masculinas e de autorias femininas. Sobre este apontamento da representatividade de personagens femininas por escritores há que se pensar em tal atributo representativo da mulher na literatura como seres estereotipados, como aponta Zolin (2005, p.190):

(...) as (os) críticas (os) feministas mostram como é recorrente o fato de as obras literárias canônicas representarem a mulher a partir de repetições de estereótipos culturais, como, por exemplo, o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz, e, entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que a cercam. Sendo que à representação da mulher como incapaz e impotente subjaz uma conotação positiva; a independência feminina vislumbrada na megera e na adúltera remete à rejeição e à antipatia.

Além disso, Rapucci (2011, p. 67) considera o problema dos estereótipos ligados principalmente a aspectos religiosos pois

Deus era um ser masculino. O homem criou Deus à sua imagem. Nessa nova tradição, a mulher tornou-se Eva, a razão da ruína do homem. Tendo deixado de ser vista como dádiva do divino, a sensualidade da mulher passou a ser rebaixada e explorada.

Nesta passagem dos estudos de Rapucci (2011), percebemos a imagem da mulher como divina, sendo exortada pela figura do homem òdivino, deusò.

Essa quebra de pensamentos religiosos fez com que apreendamos as mudanças econômicas, políticas e sociais que passam a se estabelecer na sociedade e a qual nos faz distinguir, segundo aponta Rapucci, as três faces da mulher: Mãe (maternal), prostituta (mulher tomada como propriedade pelo homem) e a Virgem (pura, santa, intocável). Ou seja, desde a antiguidade, passando por mitos e religiões, houve o conflito da mulher submissa ao homem e menosprezada física, social e intelectualmente.

Tomando-se a esfera intelectual, a figura da mulher no campo literário sempre esteve relacionada à sua exclusão do cânone tradicional (que considera escritores por sua raça, continente, sexo masculino) e à condição de leitora envolta no pensamento masculino, ou seja, a mulher tinha que ler como se fosse homem e a questão de autorias através de pseudônimos masculinos.

No entanto, com a repercussão política deflagrada pelo movimento feminista e dos estudos sobre o papel da mulher na literatura, houve novos direcionamentos que eclodiram em relativizá-los. Sob estas ponderações, citamos a crítica norte-americana Showalter (1985), que distinguiu dois tipos de estudos ligados à questão da mulher na literatura: a crítica feminista, que trata da mulher como leitora, e a ginocrítica, que se refere à mulher como escritora.

Além destes estudos citados acima, Showalter considera três fases na escrita da mulher: *feminine* (feminina), *feminist* (feminista) e *female* (autodescoberta).

A primeira fase, classificada pela autora como feminina, se refere às autoras que buscam uma aproximação e até mesmo uma imitação da escrita predominante (homem). Ou seja, a mulher se baseia na escrita vigente pelos padrões literários para compor suas obras. A segunda fase, chamada de feminista, diz respeito ao resgate dos valores sociais e literários através das manifestações políticas que acrescentam à mulher os seus direitos, e a fazem protestar contra os valores impostos pelos padrões, defendendo-se, assim, os valores das minorias. A terceira e última fase apresentada por Showalter corresponderia à descentralização da escrita masculina, reafirmando o papel artístico literário da mulher e seu talento individual na literatura.

No presente texto, tomaremos principalmente a fase *female* denominada por Showalter como autodescobrimento ou *õda* mulherõ, intercalando tal representatividade na produçõ literária de Laura Esquivel, tendo em vista que a escrita latino-americana representa esta fase ao resgatar a própria identidade da mulher, muitas vezes negada pela opressõ da mulher, do silêncio histórico (Zolin, 2007), e resgatadas através da literatura sob forma de protestos, denúncias e, principalmente, revalorizaçõ e resgate do passado histórico na construçõ de novas realidades (Santos, 2010).

MALINCHE E A RELEITURA DO PASSADO

A escritora mexicana Laura Esquivel publicou sua obra *Malinche*, em 2005, conferindo outra visõ sobre a história da índia também chamada de *Malinalli*, cujo significado era õerva trançadaõ. Na criaçõ literária de Esquivel, Malinche é uma índia que, após a morte do pai, é criada pela sua avõ, sua grande amiga e companheira.

A avõ de Malinche lhe transmite a sabedoria do mundo indígena como a religiõ voltada para os sacrifícios humanos, o poder que possuíam as palavras e os mitos sobre os deuses Quetzalcoátl (deus da humanidade) e Chalchiuhtlicue (deusa da água). Quando sua avõ morre, Malinalli é entregue para trabalhar como escrava a uma tribo indígena que mais tarde a entrega para o colonizador espanhol Hernán Cortés.

Hernán e Malinche se apaixonam e se tornam amantes. Porém, Hernán movido pela ganância do ouro vê em Malinche apenas alguém que pode ajudá-lo a conquistar o que deseja: o território asteca. O mesmo ocorre com a índia que vê em Cortés a única pessoa que pode ajudá-la a se tornar livre. Malinche almejava a liberdade, pois na sociedade indígena, a mulher tinha o dever de servir, sua vida social era restrita a afazeres domésticos, sendo excluídas até de praticarem a religiõ.

Portadora de um grande conhecimento (herança da avõ), Malinalli falava a língua nahuátl e se empenhou em aprender o idioma espanhol, sendo, assim, a tradutora de Cortés, que, após conseguir o que desejava, entrega a índia para se casar com o europeu Jaramillo, um conquistador que o auxiliou em suas batalhas no México. Malinche consegue sua tão sonhada liberdade e cria seus dois filhos: Martín e María ao lado de Jaramillo.

Percebe-se que na obra Esquivel descreve Malinche como uma indígena guerreira, inteligente, que valorizava a natureza e atribuía significado aos bens naturais, possuía uma

visão romântica sobre a vida, diferente da personagem histórica que nos chega a parecer perversa diante das acusações atribuídas a ela.

Cortés ao contrário, apesar de todo o poderio, é retratado como um homem ôfracoö e ganancioso, que vê seu destino nas mãos de uma mulher, uma vez que sem Malinche não conseguiria se comunicar com os indígenas, pois não tinha conhecimento das línguas faladas por eles:

No entender el idioma de los indígenas era lo mismo que navegar sobre un mar negro. Para él, el maya era igual de misterioso que el lado oscuro de la luna. Sus ininteligibles voces o hacían sentirse inseguro, vulnerable (...) A todo lo largo de sua vida, a medida que había ido madurando, comprobaba que no había mejor arma que um buen discurso. Sin embargo, ahora se sentía vulnerable e inútil, desarmado (...) (ESQUIVEL, 2006, pp. 40-41)

Por sua vez, Malinche sabia da sua importância e de seu papel ao lado de Cortés, sabia que as palavras tinham poder e que os rumos daquela civilização estavam em suas mãos e não se sentia preparada para isso; ao contrário, sentia medo do que poderia acontecer a ela e aos povos indígenas, seu objetivo dependia da sua decisão:

Ahora ella podía decidir qué se decía y qué callaba. Qué se afirmaba y qué se negaba. Qué se daba a conocer y qué se mantenía en secreto, y en ese momento ése era su principal problema. No solo se trataba de decir o no decir o de sustituir un nombre por otro, sino que al hacerlo se corría el riesgo de cambiar el significado de las cosas. Al traducir, Malinalli podía cambiar los significados e imponer su propia visión de los hechos y, al hacerlo, entraba en franca competencia con los dioses, lo cual la aterrizzaba (...) los dioses podían molestarse con ella (...) Ella sería aniquilada en un abrir y cerrar de ojos (ESQUIVEL, 2006, p. 73)

Ou seja, era Malinalli quem tinha o ôdomö da fala, já que sabia falar dois idiomas e era a intérprete de Cortés, ela sabia o valor que possuíam as palavras, se orgulhava de ter ôpoderö, mas, ao mesmo tempo, algo temia a consequência que poderia causar ao fazer as interpretações:

Consideraba como el más grande honor que había tenido en la vida transmitir las palabras de Moctezuma. Lo que nunca esperó fue que Moctezuma depusiera su trono a favor de Cortés y que ella por ser la traductora, fuera quien prácticamente le hubiera dado el reino a Cortés (ESQUIVEL, 2006, p. 126).

Nesta passagem da obra, a autora nos expõe o ôdramaö vivido por Malinche, o embate emocional ao qual ela e as demais mulheres feministas sofreram ao conseguirem a ôliberdade de direitosö. Malinche sentia um incomodo emocional, queria a sua liberdade, mas temia o que pudesse acontecer com determinada escolha (sua morte, a morte dos espanhóis, a morte dos indígenas).

Malinche engravida de Cortés, sua gravidez não representava apenas a capacidade de reprodução da mulher, mas, sim, a união entre os povos (espanhóis e indígenas).

Cuando Malinalli se supo embarazada, se sintió plena, feliz. Sabía que en su vientre latía el corazón de un ser que iba a unir dos mundos. La sangre de moros y cristianos, con aquella de los indios, con esa raza pura, sin mezcla. (ESQUIVEL, 2006, p. 151)

Mas Malinalli não estava completa. Cortés queria mais conquistas e Malinalli ainda ansiava pela liberdade, queria poder criar o filho, ser feliz, amada, não queria ser, para Cortés, apenas sua escrava e tradutora a quem ele, ainda que tivesse sentimento, não poderia deixar de conseguir seu poderio.

Lo que quiero es sentir la piel de nuestro hijo (...) Hacerlo sentir que el mundo es un lugar seguro, que la muerte estará lejos de él, que él y yo somos uno, que estamos unidos por una fuerza mayor que nuestras voluntades. Lo que quiero no puedo tenerlo porque me arrastras en el camino de tus obsesiones. Tu me prometiste libertad y no me la has dado. Para ti, yo no tengo corazón, soy un objeto parlante que usas sin sentimiento alguno para tus conquistas. Soy la bestia de carga de tus deseos, de tus caprichos, de tus locuras (...) Somos carne, sensibilidad y pensamiento (...) verbo encarnado, palabra en la carne (...) (ESQUIVEL, 2006, p. 158)

Obcecado pelas suas riquezas, Cortés resolve ceder aos seus sentimentos e casa Malinche com Jaramillo, um de seus companheiros, acreditando que assim distanciaria seus sentimentos da índia e poderia somente usufruir de seu trabalho como tradutora. Essa atitude de Cortés, exposta pela autora, relata a maneira pela qual os homens viam as mulheres.

Segundo Rosiska (1999), a atitude masculina (que se observa em Cortés) se deve ao fato de que para os homens essa troca provoca um vínculo social entre eles, um sistema de alianças fundamentado na reciprocidade, porém, para as mulheres, tal atitude as faz sentirem como simples objeto de trocas do *status* dominante dos homens.

Sob estes pontos de vista, torna-se possível notar na escrita de Esquivel que a autora não apenas reescreve a história da conquista como também reivindica a voz feminina, traça a realidade, o pensamento e o embate emocional que sempre esteve presente nas mulheres. A autora não aponta a índia como traidora, mas faz refletir na sua obra de ficção alguns aspectos que se referem à história da mulher, à condição da mulher, um problema interior que sempre se manteve oculto na sociedade.

Além disso, a narrativa de Esquivel como romancista histórica reflete a liberdade de expressão e o direito da mulher de seguir seu próprio destino e abdicar da submissão afrontada pelo homem, pois Malinche, na visão de uma autora mexicana, não agiu como mulher objeto, mas como mulher sujeito e lutou pelo o que almejava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se, através da escrita da escritora mexicana Laura Esquivel, o fazer artístico da mulher, assim como a sua interpretação da história que, por muitos, inclusive para os mexicanos, havia sido inquestionada: Malinche era a traidora do seu povo. Em sua obra, *Malinche*, Esquivel nos dá situações e expõe a cultura indígena, fazendo-nos repensar sobre a história de Malinche e o papel da mulher (indígena ou não indígena) na sociedade.

O gênero romance histórico também desencadeia uma nova perspectiva do fazer literário que, aliada ao trabalho sobre a mulher na sociedade e o ser pensante, contribui para a formação intelectual e crítica literária, atribuindo novos valores e conhecimento sobre a linguagem literária. Ao regastar o passado, questionando a história, a escrita feminina adquire melhor nível crítico e se valoriza, atribuindo às suas produções melhorias na evolução artística e na sua liberdade de expressão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AINSA, Fernando. *La nueva novela histórica latinoamericana. Plural*. México, 240, pp. 82-85, 1991.
- BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.
- CANDIDO, A. *et al. A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- CASTILLO, Bernal Díaz del. *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España*. Editorial Universitaria de Buenos Aires: 1964
- CUNHA, Gloria da. *La narrativa histórica de escritoras latinoamericanas*. Buenos Aires: Corregidor, 2004.
- ESQUIVEL, Laura. *Malinche*. Buenos Aires: Suma, 2005.
- ESTEVES, A. R. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Edunesp, 2010.
- FUENTES, Carlos. *El espejo enterrado*. México: FCE, 1992.
- MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, Alexis. *Historia y ficción en la novela venezolana*. Caracas: Monte Ávila, 1991.

- MAURA, Juan F. *Leyenda y nacionalismo: alegorías de la derrota en La Malinche y Florinda òLa clavaö*. Espéculo - Revista de estudios literarios, Universidad Complutense de Madrid, 2003.
- MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina, 1949-1992*. México: FCE, 1993.
- OLIVEIRA, Rosiska D. de. *Elogio da diferença: o feminismo emergente*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- PAZ, Octavio: *O labirinto da solidão*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2006.
- PERKOWSKA, Magdalena. *Historias Híbridas. La nueva novela histórica latinoamericana (1985-2000) ante las teorías postmodernas de la historia*. Madrid: Iberoamericana, 2008.
- RAPUCCI, Cleide Antônia. *Mulher e Deusa: a construção do feminino em Fireworks de Angela Carter*. Maringá: Eduem, 2011.
- SHOWALTER, Elaine. *A literature of their own*. In: EAGLETON, M. (Ed.). *Feminist literary theory: a reader*. Cambridge, Mass.: Blackwell. 1986. pp. 11-15.
- ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Pezzi dos (Orgs). *Mulher e literatura: história, gênero, sexualidade*. 1. ed. Caxias do Sul: Educs, 2010.
- ZOLIN, Lúcia O. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia O. (Org.) *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005. pp.181-203.
- TROUCHE, André Luiz Gonçalves. *América: história e ficção*. Niterói, RJ: Eduff, 2006.

Recebido em 15 de junho de 2013.

Aceito em 16 de dezembro de 2013.